



**Ao DR JOÃO GOMES MARIANTE**

**Comemorando seus 100 anos – 26 de fevereiro de 1918-**

**Homenagem do CELPCYRO e de alguns dos muitos amigos**



## *100 anos João Gomes Maricante*

No dia 26 de fevereiro, estarei comemorando a passagem do meu centenário a realizar-se na Casa do Marquês, na rua Marquês do Pombal, 1814, Bairro Higienópolis às 19h30.

Confirme sua presença até o dia 23/02 através do e-mail: [contato@jornalmentecorpo.com.br](mailto:contato@jornalmentecorpo.com.br) ou pelo telefone: (51)3346-1585  
Obs.: Cada convidado ficará responsável pela sua consumação, R\$60 por pessoa mais bebidas.

Assim fomos convidados para a festa. Não se costuma receber convites desse teor, o que potencializa a vontade de comemorar !



## **UM DISCURSO BIOGRÁFICO\***

Blau Souza\*\*

Ao Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, o agradecimento por esta oportunidade ímpar de privilegiar méritos e amizade. Fernando Neubarth, médico e escritor, gastou algumas páginas com um personagem invulgar: Nato, o breve, que resultou de uma visita a cemitério e da leitura de datas de nascimento e morte. O surpreendente é que o tempo de vida do personagem fora de apenas um dia. Imaginem os senhores o calhamaço que eu teria de ler sobre a vida do doutor João Gomes Mariante, fagueiro e lépido aos noventa e dois anos de idade, se a proporção fosse mantida. E tudo ficaria mais complicado quando a qualidade e a densidade da vida do homenageado aumentassem ainda mais o material a ser lido. Mas, descansem... serei breve.

De boa cepa açoriana e com a adição de sangue germânico por parte da mãe, nasceu o menino João em 26 de fevereiro de 1918 numa casa da Rua Mariante, esquina com a Castro Alves, na Porto Alegre dos tempos em que as crianças nasciam em casa, aparadas pelas parteiras. Por coincidência, nasceu no mesmo dia em que morria seu avô, Guilherme Mariante, o homem a quem a rua homenageia. Boa parte da infância, viveu o pequeno João na estância do pai em local, que não por acaso, se chama Porto Mariante, plantado às margens do Rio Taquari e surgido em tempo de diáspora dos açorianos no Continente de São Pedro. Aprendidas as primeiras letras, fontes múltiplas de conhecimento o prepararam para a aprovação num exame de madureza, o chamado Artigo 100, e que o ligou ao Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Logo Ingressou na Faculdade Fluminense de Medicina, na qual se formou em 1946. Durante o tempo de faculdade também se iniciou no jornalismo. Foi editor da revista Medicina Social e comentarista de saúde pública no Correio da Manhã, do Rio de Janeiro. Ao final do curso, era tida como certa a escolha de um colega paulista para falar pelos formandos e o tal doutorando se jactava de ter nascido em São Paulo, a locomotiva que puxava um trem

pobre chamado Brasil. João Mariante aproveitou a bravata e lembrou que o maquinista do trem nascera em São Borja e que o carvão, fonte de energia para a locomotiva, vinha de São Jerônimo. Em tempo de escolha, deu João Gomes Mariante como orador da turma.

Recém formado, voltou para exercer a medicina no local em que vivera a infância, Porto Mariante. Cheio de ideais, construiu edifício para hospital e que ainda hoje é usado como colégio. Numa quebra de paradigmas, atendia aos chamados num jeep dos usados pelos americanos na segunda guerra mundial e que mandara pintar de vermelho. Com frequência, usava cavalo e, muitas vezes, a balsa ou barcos para atravessar o rio no exercício da profissão. Mas era difícil imaginar que um doutor da família Mariante, filho de grande fazendeiro local, fosse viver da medicina, sustentado pela população, em geral pobre, da localidade em que nascera; permaneceu pouco tempo em Porto Mariante. Transferiu-se para Venâncio Aires e assumiu a chefia do Posto de Higiene da cidade. Sempre com preocupações comunitárias, fundou o Rotary Clube de Venâncio Aires e organizou campanhas e medidas simples e efetivas de higiene e saúde pública como, por exemplo, a distribuição de latões com óleo queimado para combate ao mosquito. Ficaram histórias curiosas deste tempo como médico no interior do Rio Grande do Sul. Uma delas foi quando teve de usar um barco e lhe recomendaram que usasse o do seu Carneiro. Ao fazê-lo, cumprimentou o barqueiro chamando-o pelo nome. Ficou surpreso com a agressividade do homem que o atendeu contrariado e pediu que parasse com o assunto... Na volta do atendimento, até usou outro caminho para evitar aquele barco. Depois, soube que o barqueiro tivera envolvimento com roubo de ovelhas e que por isso fora apelidado de carneiro...

Decidido a exercer a medicina em centro maior e com especialização, foi aprovado em concurso para psiquiatra no Rio de Janeiro. Trabalhou e morou no Rio por vários anos, sempre mantendo contato com Porto Alegre, onde foi por algum tempo o representante do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Na busca da excelência, resolveu fazer formação psicanalítica em Buenos Aires. Foi e lá permaneceu por oito anos. Não só fez formação como passou a formar gente. Foi professor extraordinário da Universidade John Kennedy e proferiu por duas vezes a aula magna na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Ainda na Argentina, foi professor das faculdades de psicologia de Córdoba e de Rosário. Fez muitas conferências e no El Ateneo Sigmund Freud, por exemplo, foi palestrante ao lado de Jorge Luis Borges e de outras personalidades da cultura e da psicanálise da Argentina. Foram tão intensas suas atividades e tão grande o número de amigos conquistados que, ao anunciar sua volta para o Brasil, a despedida durou quarenta e cinco dias de almoços e jantares.

No Brasil, fixou-se na capital paulista e foi aceito por unanimidade como membro titular da Sociedade de Psicanálise de São Paulo. Desenvolveu intensa atividade científica e didática como membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise e professor de pós-graduação de Psiquiatria Dinâmica da Faculdade de Ciências Médicas. Sempre com muito trabalho, o Dr. João Mariante morou em São Paulo por vinte e seis anos.

Conveniências da família Mariante e o chamamento terruño, trouxeram o doutor João de volta aos pagos. Estabeleceu-se como psicanalista em Porto Alegre e continuou ativo como sempre. Por vezes o incomodava certa incompreensão do meio e que o aproximava ainda mais do colega e amigo Cyro Martins. O amor à independência, à liberdade, sua aversão à aceitação de dogmas, ainda que com embalagem científica, uniam os dois numa visão ampla de mundo, numa visão humanística. Mas a vida quase rotineira, de tarefas e resultados previsíveis, se interrompeu de golpe. Em poucos minutos, o Dr. João teve seu espaço vital, seu

consultório-residência, destruído por incêndio que nada poupou. Biblioteca com livros de valor real e estimativo incalculáveis, obras de arte, anotações de uma vida inteira, fotografias de momentos inesquecíveis, diplomas e comprovantes de participação ativa em cursos, congressos, encontros culturais e científicos, arquivos, guarda-roupa, documentos, valores, tudo foi consumido pelas chamas. Mas, se nada sobrou do ponto de vista físico, material, sobrou e se multiplicou a vontade férrea de um homem desafiado à superação. Sentiu que o momento exigia adaptações e voltou a valorizar suas vivências jornalísticas da juventude. Sem abandonar vínculos com a psicanálise e a medicina psico-somática, passou a editar, quase sozinho, um jornal que se impõe a cada edição e que teima em continuar crescendo. Com uma tiragem de trinta e cinco mil exemplares e com distribuição no país e no exterior, o jornal *MenteCorpo* informa e educa; sempre com bom gosto e sem ranços.

O trabalho intenso nunca o impediu de escrever e sonhar. Ensaios, crônicas, editoriais, depoimentos e vivências viraram livros. No primeiro com o título de *Os Três Azes de Trinta* e depois com *Três no Divã*, o Dr. João Mariante analisou aspectos da vida de três vultos ilustres da Revolução de Trinta e do Brasil moderno: Getúlio Vargas, Flores da Cunha e Oswaldo Aranha. Buscou, com embasamento psicanalítico, melhor entender certas atitudes e a repetida exposição a riscos, tão frequentes nos examinandos. Desafiar a morte, impor-se condutas públicas, querer mudar um país, viver o poder, foram desafios para homens que se tornaram líderes e que o Dr. João Mariante analisou num metafórico divã.

A estranha divisão do tempo adotada pelo Dr. João explica muito do que consegue realizar aos noventa e dois anos de idade: trabalha vinte horas e descansa, quatro. Sem concordar com esta divisão das horas do dia, tive outro problema ao entrevistar o Dr. Mariante: eu queria falar sobre o passado e ele insistia nos planos para o futuro. Entusiasmado, falava dos dois novos livros que está escrevendo, de modificações que pretende instituir no jornal e do possível lançamento de uma revista. Apesar da atividade intensa, sempre resta algum tempo para ser rotariano, com sessenta e cinco anos de serviços prestados, ou para enfrentar um ônibus e trabalhar num centro de cultura que idealizou no interior do Estado. Este João Gomes Mariante, membro honorário da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, é quem desejo homenagear e que merece a admiração e o respeito de seus filhos, de seus netos e de todos nós.

Eu teria material para encher horas sobre o muito que João Gomes Mariante fez ou faz. Encerrarei, entretanto, falando de uma atividade sua que é menos conhecida, a de poeta. Não me aterei a versos líricos, como os que ele dedicou a sua amiga Marta Rocha, com quem conviveu nos tempos de Buenos Aires, quando ela já era viúva de milionário argentino. Encerrarei lendo uma poesia que tem tudo a ver com sua infância e com um Rio Grande telúrico que jamais desapareceu de sua vida. Assim como Alcides Maia se extasiava diante duma lagoa de campo e a considerou uma imagem dele mesmo, João Mariante se enche de ternura diante de uma sanga, cuja origem associa a uma campereada ciclópica. Eis o encerramento desta homenagem através da pena e da inspiração do próprio homenageado, que assim escreveu em 1939:

Sanga funda

Sanga funda,  
Perigosa, barulhenta,  
Ninguém sabe ao certo  
Quando ela apareceu.

Eu acho que foi assim:  
No alto da coxilha  
Vinha um redomão a  
Corcovear, quando  
O domador o tironeou.

Com o puxão que levou,  
Se perdeu das quatro patas  
E na grama se pranchou.

Do escalavrado que ficou  
Das patas do cavalo que  
rodou,  
Com as chuaradas caindo,  
Sanga funda se formou!

Em cada manga d'água  
Bota água pela estrada

Que inté dá pra arrepiá.

Ouve-se, lá pelas tantas,  
O rouquenho gemido  
Do potro quebrado,  
Sem podê se levantá.

Essa sanga guarda  
Tudo que se quizé,  
Tabatinga, gravatá  
E santa fé.

Tem um poço  
Muito fundo  
Onde almas do  
Outro mundo  
Se encontram  
Com boitatá.

E se eu disse,  
Vancê não vai crê,  
Mas esse gemido-relincho,  
É a alma do cavalo  
Com saudade de vivê.

\* Discurso em homenagem ao Dr. João Gomes Mariante (Porto Alegre, 2010).

\*\*Dr. Blau Fabrício de Souza é médico e escritor gaúcho. colaborador do Jornal  
MenteCorpo.

([www.editoraage.com.br/autores/30/blau-souza](http://www.editoraage.com.br/autores/30/blau-souza))

## **Um homem admirável\***

Franklin Cunha\*\*

Acompanhei a atividade intelectual do Dr. João Gomes Mariante, durante os dez anos que colaborei com seu jornal MenteCorpo. Fiz parte, junto com meu prezado colega Blau Souza, da seção Medicina e Literatura. Ficava admirado com sua intensa atividade como editor, escritor, administrador financeiro, distribuidor, arrecadador de anúncios. Acompanhei-o em viagens para seduzir empresas, laboratórios, consultórios, pessoas jurídicas e físicas para levar adiante seu projeto editorial. E - incrível - com cerca de 90 anos, Dr. Mariante ainda encontrava tempo para pesquisar e escrever livros e textos para jornais e revistas. E ainda o que é mais admirável nesse homem, com cem anos ele segue exercendo todas essas atividades com persistência e com inquebrantável entusiasmo juvenil. Seus livros, sobre a vida de políticos como Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha se configuram como depoimentos de quem viveu e conviveu com eles e, como competente psicanalista, também os entendeu e soube lucidamente interpretá-los em suas trajetórias dramáticas e às vezes trágicas, vividas por eles dentro dos panoramas históricos nacional e internacional.

Os neurocientistas mais atualizados e ousados do panorama científico mundial, afirmam que os homens poderão viver com lucidez e com produtividade intelectual até os 130 anos. E é exatamente esse desejo profético que vislumbro e almejo com muito afeto e admiração ao nosso estimado mestre e querido amigo Dr. João Gomes Mariante ao completar seus cem anos. E, por favor, rogo que aceite um grande abraço de seu humilde aluno e sincero amigo,

Franklin Cunha

\* Porto Alegre, março de 2018

\*\*Médico- CREMERS 3254. Colaborador do Jornal MenteCorpo.

Membro da Academia Rio-Grandense de Letras ( Cadeira nº 9)

## HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. JOÃO GOMES MARIANTE\*

Wanderley Manoel Domingues\*\*

É uma honra prestar essa singela homenagem ao Professor Dr. João Gomes Mariante, no seu centenário de vida. Foi e é figura proeminente na Psiquiatria, na Psicanálise e no jornalismo científico e literário em nosso País. Lutou muito para conseguir essa posição.

Foi e é homem de muita decisão, muito bom caráter e trabalhador, além de rigoroso observador e estudioso da medicina, da Psiquiatria e da Psicanálise. Ainda hoje é muito dedicado à sua profissão. Faz suas publicações mensais através do Jornal MenteCorpo, desde 2002, desenvolvido com seus próprios recursos e distribuído em vários estados brasileiros. Sua produção científica é bastante grande e se dedicou à sua profissão como um missionário incansável da temperança.

Em seu Jornal MenteCorpo, Dr. João publica artigos tidos como ecléticos, com muita diversidade nos temas abordados. É um profissional que sempre buscou a integração existente entre a mente e o corpo, com uma visão unificada do desenvolvimento mental do ser humano.

Como se sabe, obteve sua formação médica na Universidade Fluminense, voltou a Porto Alegre e depois para o Rio de Janeiro novamente, onde se especializou em Psiquiatria e, posteriormente, em Psicanálise, na cidade de Buenos Aires. Estruturou um curso sobre Psicopatologia, que foi ministrado em São Paulo para recém-formados em medicina e interessados na compreensão dos transtornos mentais.

Ele e seu grande amigo Dr. Cyro Martins se dedicaram à liberdade de opinião e do livre arbítrio como forma de combate à opressão.

Entre suas produções, escreveu o livro Getúlio Vargas: o lado oculto do Presidente, onde elabora hipóteses compreensivas para o entendimento da personalidade do Presidente e de seus contemporâneos Oswaldo Aranha e Flores da Cunha. A leitura deste livro é fluída e impactante, descrevendo os labirintos da mente humana e suas motivações quando no poder.

Mesmo com sua idade avançada, continua sua produção com muita lucidez, sendo baluarte nas disciplinas que professa há tantos anos. Trata-se de magnífico exemplo para os profissionais da medicina e Psicanálise.

Parabéns, querido Dr. João Gomes Mariante!

Um forte abraço nesta data.

\*São Paulo, fevereiro de 2018.

\*\* Médico Pediatra (FMUSP), Médico Neurologista e Neuropediatra (Dpto. de Neurologia/FMUSP), Médico Psiquiatra e Psicanalista pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

## CENTENÁRIO DO DR. JOÃO MARIANTE

Blau Souza

Em algumas oportunidades tive a honra de homenagear o Dr. João Gomes Mariante. Isso ocorreu, por exemplo, nas comemorações do décimo aniversário do jornal MenteCorpo e em evento organizado pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, quando o nosso homenageado só tinha noventa e dois anos. Faz menos de um quarto de século que conheço o Dr. João, e isso aconteceu através dos amigos Franklin Cunha e José Maria Yordi. Desde então temos tido um convívio de amigos que se ajudam na perseguição de tarefas culturais. E eu sou imensamente grato ao Dr. Mariante por ter sido um protagonista insubstituível em evento que coordenei na Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina para festejar o centenário de nascimento de Cyro Martins.

Fui irreverente e, talvez, até desrespeitoso ao falar de passagens da vida do Dr. João desde a infância de guri criado no campo até quase o estágio atual de integrante do seletto clube dos centenários. Ele morou no interior do Rio Grande, no Rio de Janeiro, em Buenos Aires, em São Paulo, e finalmente em Porto Alegre, sempre vivendo intensamente. Foi na capital gaúcha que passou pela experiência de ressurgir das cinzas, realizando proeza digna de Fênix. Noutra ocasião e noutra crônica, brinquei sobre o momento em que ele assumira a condição de ente biônico ao receber marca-passo cardíaco. Antevi muitos anos por serem vividos e o muito que ele produziria e, mais do que isso, faria seus amigos produzirem, ele a quem bastam quatro horas de sono por dia e que tem como ideal trabalhar até poucos minutos da morte. Sua atividade como médico, os resultados que obteve na psicanálise, não ficam abaixo da sua atuação como jornalista, escritor, conferencista, agitador cultural. Autor de livros em prosa, não deixou de escrever poesias. Certamente não haverá, no centenário, quarenta e cinco dias de festas com os amigos como houve na despedida de Buenos Aires. Falta-lhe tempo para tanta festa quando há tanto por fazer. Quão melhor seria o mundo se trabalhadores compulsivos, capazes e honestos tivessem mais oportunidades e vivessem felizes e por muito tempo mais como espero que o faça o nosso querido Dr. João. Mas que continue como sempre foi, altaneiro, e sem perder “certo arzinho de potro”...

### Pequena Sereia

Descrições de viagem, como assunto isolado para escritores, passaram a ser bem dispensáveis, tal o império das imagens a cores em publicações das empresas de turismo. Mas os textos têm vez quando a imaginação sobrepuja a tecnologia. Quem não se envolveu com sereias no mundo do faz de conta? Quando herói de Homero, navegando em mar bravio, ordena que seus homens o amarrem ao mastro da embarcação para que não ceda ao canto das sereias, fica bem patente

o grau de sedução dessas criaturas. E toda uma cadeia de sensações nos invade quando as sereias entram em cena.

Viajando pela Escandinávia tive encontro inescapável na cidade de Copenhague. Os guias turísticos diziam quase tudo sobre a pequena sereia, mas o impacto que sofri foi maior do que o esperado diante daquela criatura solitária, livre do monumentalismo de tantas obras do mundo moderno. Realmente pequena e capaz de se enquadrar em nosso cotidiano, está lá como um desafio aos melhores momentos da criação humana. Descansa sobre uma pedra, mas parece pronta a levantar e caminhar até nós. Eu disse caminhar? Sim, não é ilusão. A pequena sereia ao invés de cauda apresenta pernas individualizadas com discretas barbatanas capazes de propiciar muito mais sonhos aos incautos que a buscam. Que visita! Ouso contrapor-me a Ulisses, ainda que em silêncio de escrevinhador: - Soltem-me dos mastros das coisas previsíveis, permitam que haja cantos que não consigo ouvir!

A estátua imortaliza em bronze obra literária de Hans Christian Andersen, tantas vezes adaptada a versões com belo final na literatura infantil e no cinema, que talvez necessitasse de reabilitação através das artes plásticas. Em Andersen, a pequena sereia apaixona-se pelo príncipe que salvara de naufrágio e recorre à conhecida bruxa para adaptar-se à existência em terra firme. Em síntese, troca sua voz por duas pernas que substituem a cauda. O príncipe não a reconhece, pois de sua salvadora só não esquecer a bela voz. Na impossibilidade de ser amada, ela desiste de provocar a morte do príncipe, única maneira de desfazer o encanto e voltar ao seu ambiente. Resoluta, a pequena sereia joga-se de um penhasco e se transforma em espumas do mar.

Voltando ao mundo real, das informações objetivas, o rico cervejeiro dinamarquês Carl Jacobsen contratou o escultor Edvard Eriksen para imortalizar a história no bronze e usando como modelo uma cantora famosa do início do século passado. Mas a escolhida não aceitou pousar nua e Eriksen se inspirou em sua própria mulher para dar forma àquele corpo modificado de sereia. Apenas a cabeça era da cantora. Para consolo de turista de terceiro mundo e vergonha da humanidade, a estátua já foi decapitada duas vezes. Mas a réplica foi recuperada, já que a estátua original, a verdadeira, está em local ignorado e pertence ao acervo da família do fundador da Cervejaria Carlsberg. Acordado pela cantilena do guia turístico, embarco no ônibus especial enriquecido de emoções e de gritos abortados, pronto a prosseguir minha trilha de bom turista...

Juntei à criatividade de escritor e escultor ilustres, informes jornalísticos para homenagear o centésimo aniversário do nosso querido Dr. João Gomes Mariante. Ele soube sobrepor-se a dificuldades na vida e paira acima dos usuais limites humanos como médico, jornalista, escritor e mestre. Lúcido e ativo, chega aos cem anos de vida já com algum enfado pela imortalidade conseguida bem antes.

A passagem do tempo é inexorável, mas a capacidade de produzir com satisfação e alegria é para poucos. O Dr. Mariante (como é carinhosamente chamado pelos seus inúmeros amigos) faz parte desse grupo seletivo. No Rio Grande do Sul identificaram-se 1.039 centenários, o que expressa 0,07% do total da população de idosos do estado, sendo 150 somente em Porto Alegre (IBGE, 2010). Tive a satisfação de conhecê-lo muito jovem, pois lembro-me de suas visitas ao meu pai, Cyro Martins, quando apresentava várias ideias e trabalhos unguídos de grande entusiasmo. Sua trajetória foi de explorador da mente humana, em busca de reflexões que o fizeram produzir tanto na literatura como em trabalhos psicanalíticos.

A velhice possui várias dimensões, entre elas a social e a biológica. Dr. Mariante desenvolveu a habilidade de se manter adaptando-se nas formas de perceber e vivenciar o processo biológico de envelhecimento. O ser humano deseja viver longamente e com saúde, porém o desgaste do organismo ao longo dos anos é algo inevitável.

Em 14 de agosto de 2010, tive a oportunidade, junto com minha irmã Maria Helena Martins, de outorgarmos ao Dr. Mariante o Prêmio Cyro Martins – Reconhecimento Ciência e Cultura, pelo que ele, já nos seus 92 anos, manifestou-se da seguinte maneira:

*“A entrega do “Diploma ao Mérito” e Reconhecimento de “Ciência e Cultura” torna-se, para mim, como uma láurea, um galardão, que representam mais que uma simples homenagem, para transfigurar-se em afeto, ternura e solidariedade e amor. Digo-vos movido por um categórico imperativo, que o título que recebo, significa a mais expressiva das insígnias, que ao longo da existência chegaram às minhas mãos.*

*Tenho a impressão que essa iniciativa cultural, essa jornada, irá certamente predispor outros agraciados como eu a seguir o caminho para chegar ao sentido primordial e civilizador das letras, das artes e da liberdade para criar. Existe melhor guia do que Cyro Martins?”.*

Ao ser homenageado, nos trouxe um discurso afetivo (íntegra no [www.celpcyro.org.br](http://www.celpcyro.org.br)), que emocionou a todos. Assim é o Dr. Mariante, pujante e incisivo.

Uma das suas grandes conquistas, produzida na velhice, foi a criação do “seu” Jornal MenteCorpo. Desde a sua fundação, em 2002, tem sido uma referência para milhares de leitores e tem propiciado a inúmeros colegas médicos e profissionais da área da saúde deixarem em suas páginas a sua colaboração. A sua tenacidade e desprendimento mantém o Jornal atuante. Por ocasião dos dez anos de vida do Jornal, em 2012 fez questão de homenagear seus colaboradores. E concluiu com a seguinte mensagem, que me parece um ensinamento de vida:

*“Quando o ser humano atinge a idade proecta, que é a maioridade da existência, suas condições psicobiológicas outorgam-lhe o direito de falar de si mesmo.*

*As prerrogativas citadas concedem-lhe o ensejo de proclamar o que realizou, e também o que não concluiu, o que deixou de efetuar e o porquê.*

*Em tal período, mesmo que sua biografia não registre grandes realizações, o próprio acesso que a enriquece é a conquista suprema da realização de ter vivido e a vitória de estar vivo.*

*Creio que o grande êxito da vida de qualquer mortal não reside apenas no que deixou de concreto, de faustoso e transcendente no mais amplo espectro da atividade humana. A meu ver, o que o eleva, consola e dignifica é a persistência e a coragem de viver.”*

Neste breve artigo, pude refletir o quanto Dr. Mariante colaborou para o desenvolvimento do pensamento contemporâneo e da cultura. Na sua celebração dos 100 anos, ocorrida no dia 26 de fevereiro de 2018, pude constatar a alegria em seus olhos em poder contar com tantos amigos presentes. A saudação de um dos convivas expressou o sentimento compartilhado de que esperávamos estar presentes no seu próximo centenário....

\* Porto Alegre, fevereiro de 2018

\*\* Cláudio Meneghello Martins. Médico Psiquiatra. Presidente do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins – CELPCYRO.

Maria Helena Martins \*

Invejável longevidade produtiva, alerta para o entorno e disponível para o mundo em que vivemos. Uma mente cuja capacidade abarca dinamicamente o que a história registrou e o que está acontecendo, nos mais diversos âmbitos de atividade. Em suma, um humanista na era das *fake news* que, sem pejo e sem culpa, se dispõe tanto à simples divulgação do aqui e agora, desde que lhe seja digno de nota, quanto à reflexão clara e lúcida sobre fatos que sua mente centenária tem a liberdade de (re)pensar. Observador das mazelas humanas, as quais acolhe com discrição e compreensão. Tudo isso, numa figura frágil, mas de intenso vigor intelectual. Assim vejo o amigo Mariante, de permeio a longa amizade entre ele e meu pai, Cyro Martins.

Pertinaz, ele enfrenta as maiores dificuldades para levar em frente o MenteCorpo, jornal que criou e comanda, incansável, há 16 anos.\* Exerce todas as tarefas indispensáveis à execução de um jornal - só não enfrenta o que envolve o manuseio de um PC. Afora esse detalhe, já ao expor o que pretende publicar e está escrevendo evidenciam-se lucidez e tino jornalístico que abrange desde a seleção de notícias, assuntos a discutir, à escolha de colaboradores. Enfim, dirige o jornal, deixando muitos jornalistas experientes admirados. Até por conta de seu texto enxuto, que o exercício da escrita cotidiana e infindáveis leituras modulam.

No silêncio das madrugadas vai em busca de outros tempos vividos. E escreve sobre o que foi a vida de um Getúlio Vargas, por exemplo, nos livros *Três Azes de Trinta*, *Três no Divã* e *Getúlio Vargas: o lado oculto do presidente*. Essa figura emblemática de nossa política é apresentada em detalhes, pois Mariante testemunhou, como jornalista e observador próximo, macetes palacianos e de seus frequentadores, cruzou por seus meandros com a mesma perspicácia de quem conhece a alma dos simples. Aliás, a simplicidade com que leva sua vida tem muito a ensinar a quem com ele convive.

\*\*\*\*\*

Nota

[Cf. um pouco da história do MenteCorpo](#)

São Paulo, fevereiro de 2018

-----

\*Fundadora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CELPCYRO) e sua atual Diretora de Cultura, Humanidades e Literatura.

-----

**CELEBRAÇÃO DOS 100 ANOS**

**26/02/2018**

**RESTAURANTE CASA DO MARQUÊS**

PORTO ALEGRE - RS

